

# *Editorial*

**C**om grande satisfação, o nosso Instituto coloca à disposição de seus sócios, e de quantos queiram encontrar assuntos de seus interesses, relativos à História Militar, assuntos de autores confiáveis, sem a mácula do revisionismo histórico.

Editar a Revista do Instituto de Geografia e História Militar deve, e é, um dos principais objetivos da atual Diretoria. Pois ela representa um esforço pela preservação da nossa memória histórica, atualmente um tanto relegada.

No decurso deste Ano Sócio-Cultural foram realizadas vinte e duas sessões semanais e cinco do nosso Núcleo de Estudos e Pesquisa de História Militar. Assim como atendemos pedidos de cooperação de vários estabelecimentos de ensino do Exército Brasileiro.

O nosso grande propósito, conforme as palavras proferidas pelo Presidente do Instituto, em seu momento de posse, é o empenho em resgatar a verdade histórica, contrapondo-se ao revisionismo que campeia nas salas de aula, nas publicações, nos seminários e nos painéis por esse Brasil a fora. Revisionismo histórico, em expansão acentuada, o qual procura enxergá-la sob diferente ótica e, se possível, com dados novos, reformulá-la, reinterpretá-la ou rerepresentá-la, destacando mudanças de visão ideológica. Mudanças que, por certo, vão afetar a visão e o entendimento dos fatos históricos, distorcendo-os da forma que bem entendem e convém, abalando profundamente a base do saber armazenado.

A contínua revisão da História é louvável e necessária, tudo no bojo da constante busca da verdade histórica.

“Verdade histórica” é uma afirmação com a qual se deve ter muito cuidado, diante de tantas verdades. Ela também pode vir ser relativa uma vez que ainda não se tenha a certeza com bases nas pesquisas em fontes de credibilidade. A verdade de hoje pode não vir a ser a de amanhã, em face do

aparecimento de novas fontes que a derrubem.

As novas fontes são fatos novos que aparecem e permitem novas avaliações e conclusões. Ou apenas complementam as verdades já consolidadas. Para isso não bastando o crivo de um pesquisador experiente. É necessário o equilíbrio de um analista ético, competente e desapaixonado, para que as novas constatações venham a ser avaliadas e mesmo confirmadas. Não só a questão ética estará em jogo, mas também a auto-imagem nacional.

Encontradas novas fontes, novas provas de algum episódio histórico, ainda que polêmicas, devem ser divulgadas e utilizadas nos estudos e análises.

A História Militar é um ramo relevante da História de uma nação, como o é da História Universal, que se entrelaça com História pátria a todo o momento, tomando-se difícil isolá-la.

A História Militar do Brasil tem papel fundamental na formação e na manutenção da consciência dos militares. Se as Forças Armadas são alvos prioritários de novos detratores, imperioso lhes é desgastar a sua imagem diante da população, uma vez que continuam sendo um dos pilares da Nação. Isso poderia vir a ser conseguido pela diminuição gradual da sua capacitação profissional e pelo desvalimento do orgulho de classe.

A História Militar do Brasil é um campo propício ao assalto cultural e político, dentro da doutrina “gramsciana”, em plena expansão no País e quase sem barreiras. Apesar da postura que nos conduz ao culto dos grandes feitos e dos grandes homens, do general ao soldado, constituindo uma corrente, com elos de tradições firmes com base em nossos direitos e deveres, de valores e de virtudes, para que se mantenham a hierarquia e disciplina.

Estamos na ocorrência de um projeto de revisionismo em nossa História. Não um projeto inocente ou patriótico, mas com objetivos ideológicos e radicais. São pessoas atuantes, formadoras de opinião, professores, historiadores, jornalistas, editores e “homens de cultura”, que procuram atingir seus alvos compensadores: os professores, os estudantes e os jovens, que de certa maneira são mais vulneráveis.

O revisionismo tem-se detido em determinados temas da nossa História. Uns mais importantes, outros mais limitados. Questiona-se a traição de Calabar,



a Guerra da Tríplice Aliança, a figura de Caxias. Mostra o Paraguai como vítima indefesa, atacado por imposição da Inglaterra. Teríamos aniquilado um país progressista, em uma guerra que nos levou a um grande sacrifício material e humano, onde os atos de bravura e nossas lideranças militares têm sido mostrados como vergonha nacional. Não se reconhece nenhuma glória para nós –, mas se reconhece para os nossos adversários imolados pelo “genocídio” do seu povo. Campanha grosseira, mentirosa e infame. Onde se pode sentir que as farpas são direcionadas às Forças Armadas e aos militares, para machucar, baixar o moral, cindir e desgastar o prestígio existente junto à população nacional.

Procuram-se desmerecer a atuação da Força Expedicionária Brasileira nos campos de batalha da Itália durante a 2ª Guerra Mundial. Procuram-se desqualificar seus comandantes, agravar deficiências, orquestrar fracassos, insinuar fraquezas do soldado brasileiro, ao invés de exaltar nossas vitórias, praticadas na superação conseguida sobre as próprias vicissitudes.

São apresentados ao povo como “heróis” Zumbi, Calabar, Lampião, Adeodato e outros mais, personagens presentes em nossa História, porém, longe de poderem vir a ser relacionados como heróis nacionais. Mas que vêm sendo apresentados como tais.

No andamento deste processo revisionista, “verdades” históricas vão sendo repetidas tantas vezes que são registradas como fontes primárias, ou consolidação da história oral do povo. Vão ganhando força de verdade, manchando definitivamente a História do Brasil, perdendo-se as referências morais e éticas da Nação, aviltando-se o passado e comprometendo-se a brasilidade, comprometendo o futuro do País.

Cabe aos historiadores, aos professores e aos meios de comunicação comprometidos com a verdade ética, darem tudo de si para impedir a dilapidação da nossa História.

Por certo, o Instituto de Geografia e História Militar do Brasil manter-se-á firme na vanguarda, em defesa da verdadeira memória de nossa Pátria.